

A REPÚBLICA E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NOS ESCRITOS DE LIMA BARRETO

Cristiane da Silveira¹

Tinha penetrado no passado, no passado vivo, na tradição. Em presença daqueles velhos bons que me falavam das coisas de sua mocidade, tive instantaneamente a percepção nítida dos sentimentos e das idéias das gerações que me precederam.

Lima Barreto

Resumo: O presente artigo possui como proposta analisar as contradições entre a realidade vivida e o imaginário construído para a legitimação da modernidade e democracia no Brasil com o advento da República, tendo como principal documento para a pesquisa o romance de Lima Barreto **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** em 1918.

Palavras chave: Literatura , república, modernidade

Abstract: The present article aims at analyzing the contradictions between the lived reality and the imaginary constructed for the legitimation of modernity and democracy in Brazil with the advent of the Republic, having as main document for the research the novel of Lima Barreto **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** in 1918.

Keys words: Literature, republic, modernity

Este artigo possui como objetivo abordar a literatura produzida por Lima Barreto² enquanto documento para a análise dos primeiros anos após a proclamação da República, uma vez que a percebemos como representação de diferenciadas experiências coletivas e configura-se como uma importante expressão artística e mesmo como veículo de formação/veiculação de idéias. A produção de uma obra literária está associada ao seu contexto histórico social, deixando, com isso, refletir as *angústias* e *sonhos* de seus agentes sociais, mesclando em sua narrativa, elementos de ficção e realidade.³

O tema de surgimento da modernização nas cidades brasileiras se fez presente em vários romances de Lima Barreto, mas para esse trabalho iremos destacar a obra literária **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1918)⁴. A obra é uma biografia romanceada, contada por um narrador imaginário (Augusto Machado), sendo o romance o testemunho do pessimismo que tomava conta

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

² O artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da profa. Dra. Christina da Silva R. Lopreato.

³ Sobre essa discussão ver: CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

⁴ BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Ática, 1989.

da República, mesclados a interessantes análises das transformações sociais e políticas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro.

Percorrer caminhos já vivenciados, desvendar os sentimentos, as paixões, as sensibilidades, e os sonhos não concretizados e pensar o constante reelaborar do imaginário social são experiências que se perdem no ar rarefeito da história. A necessidade de *reviver* o passado nos faz sair à procura dos vestígios que nos levem a esse “*tempo perdido*”.

Mas o passado nunca será retomado na sua totalidade. Assim, as sensações que ficam do momento vivido não são a sua realidade exata. Ao revivê-lo o tornamos diferente, carregando-o de novas significações e interpretações. A apreensão do passado torna-se, então, uma representação do real. O passado transforma-se, assim, em muitas verdades.

Reviver o passado com os pés fincados no presente é, e isso em conformidade com Certeau, uma prática, na qual a história se faz por meio de opções políticas e sociais que dizem respeito à subjetividade de quem a escreve, das referências teóricas e metodológicas que indicam quais os fatos a serem resgatados e como resgatá-los. Assim, a história se mostra como:

Uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim uma lição, ela é didática e magistral. Mas ao mesmo tempo funciona como imagem invertida, dá lugar a fala e a esconde; cria estes relatos do passado que são equivalentes aos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos.⁵

Na análise das representações do século XIX, deparamo-nos com a criação dos mais variados *discursos*, tentando construir um ideal de nação brasileira civilizada e moderna, que muito se distanciava da realidade vivida⁶. Nos anos seguintes, com a instauração da República, é perceptível a decepção dos *tipos marginais brasileiros* (leia-se aqui ex-escravos, mulatos pobres e o crescente número de imigrantes) ao entenderem que os sonhos de igualdade política, social e econômica jamais se realizaram, criando, assim, uma crescente tensão social. As imagens que surgem neste contexto servem para criar um discurso no qual todos estariam navegando em um *único barco*, ou seja, que todos fazem parte de uma nação democrática, que consegue dar oportunidades em patamares de igualdade para todos os cidadãos.

⁵ CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.94.

⁶ Vários são os trabalhos que falam sobre a representação do Brasil nesse momento, dentre eles destacaremos particularmente: CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e República que não foi**. São Paulo: Scharz, 1987 e SALLES, Iraci Galvão. **República: a civilização dos excluídos**. (Representação do “trabalhador nacional”. 1870-1919). São Paulo, 1995. Tese (doutorado em História) FFLCH, USP.

Nesse contexto, encontraremos vários romances de Lima Barreto que retratam o desenrolar de variadas situações, nas quais o preconceito social, as péssimas condições de vida nos subúrbios, o descaso político e a hipocrisia social possuem papéis de destaque. As questões apontadas na obra de Lima Barreto proporcionam recursos para um diálogo entre a insatisfação social, o poder público e a reestruturação urbana que ocorre no Rio de Janeiro no início do século XX.

As experiências relatadas no conjunto da obra de Lima Barreto são frutos das suas próprias experiências juntadas a elementos de ficção. Assim, acreditamos que o caráter de testemunho de vivência pessoal e logo do coletivo, pois o autor não paira sobre a sociedade, não se restringe apenas aos seus diários, mas ao conjunto de toda sua obra, como pontua Araújo ao analisar seus Diários (de caráter biográfico), e assim, “ver, observar e relatar constituem momentos de um único processo de vivência e criação: o que era vivido, era documentado sob forma de Diário, mas o documento já não se diferenciava, em algumas partes do relato ficcional”.

7

Com a chegada do século XX, veremos o aflorar de experiências que trazem a possibilidade de uma interferência maior do homem sobre o solo em que habita, o que o faz abandonar seu grande medo de Deus. É, então, o tempo das grandes experimentações científicas, do avanço da medicina que, em termos, começa vencer a morte, do início do domínio da máquina sobre o homem, da luz elétrica, que tira o homem da escuridão e o traz para um novo viver da razão.

O mundo começa a ser *re-descoberto*, as fronteiras são ultrapassadas e novos horizontes se abrem. A terra Brasil já fôra descoberta e colonizada há muito tempo e não deseja estar fora desse novo “*bonn*” internacional da razão. Nesse contexto os *brasileiros* começam a invadir não somente novas terras dentro de sua extensão territorial, pois chega ao fim o domínio do eixo Rio - São Paulo, mas também novos espaços dentro das cidades já construídas, de uma maneira totalmente diferenciada, onde começa a ser forjada uma distinção muito forte entre as classes sociais.

No Brasil, a modernidade trilha seus caminhos primeiramente pela cidade do Rio de Janeiro, e isso se deve ao fato de lá estar concentrado o grande centro comercial do país. Inicia-se

⁷ ARAÚJO, Joana Luiza Muylaert. “Memória e Ficção em Lima Barreto”: **Letras & Letras**, Vol. 13, nº 01, Jan/fev, Uberlândia 1997, p.69.

uma completa reestruturação urbana e social, a então chamada *era das demolições*. O velho, que dá lugar ao novo, tira sujeitos sociais de seus espaços conquistados e os leva para os subúrbios, local de miséria, sujeitos esses que são enterrados na escuridão do atraso social e político, seres que não cabem na moderna sociedade brasileira, que se pretendia *civilizada*.

A modernidade traz consigo a luz elétrica, a velocidade inovadora dos bondes, os novos hábitos, com passeios pelas recém-construídas avenidas da cidade, urbanizadas de acordo com os padrões parisienses, que agora se transformam em grandes vitrines. As rodas boêmias se intensificam, ganhando novos espaços. Mas como tudo que é novo tem seu preço, essa modernidade custará caro à maioria dos brasileiros. O preço pago pelo Brasil para esse novo modo de viver e agir é esquecer seu passado de escravidão, importando novos referenciais de moda e cultura, negligenciando anos de sofrimento dos milhares de ex-escravos e a situação dos pobres nacionais e imigrantes, construindo uma outra memória que não mais envergonhasse o Brasil frente à comunidade internacional.

É perceptível, que, com o advento da República, cria-se um clima de otimismo no Brasil, no qual as variadas classes sociais acreditam na possibilidade da formação de uma sociedade igualitária, e todos, independentemente da sua condição social, do sexo, ou da nacionalidade, teriam possibilidades variadas de uma vida mais justa. Com o passar dos anos, os sonhos começam a se enfraquecer. No entanto, as transformações políticas e mesmo arquitetônicas continuam a se fazer presentes nas cidades brasileiras contribuindo para a elaboração de um novo sujeito social.

É, então, um momento grávido de novas imagens do Brasil e dos cidadãos, com uma circulação muito grande de novos símbolos que representam a grandiosidade da República. Os menores gestos começam a ser vigiados, pois o Brasil, um país moderno, necessitava de um cidadão à sua altura e ao gosto da classe dominante.

Percebemos que as construções arquitetônicas acabam instigando uma nova sensibilidade e subjetividade social no transitar das pessoas pelas ruas, despertando a reverência das pessoas, não só frente às mansões e ruas largas, mas também aos símbolos nacionais que começam por consolidar a imagem da República.

Essas imagens, na maioria das vezes, fazem parte de um complexo arquitetônico que coloca em evidência as grandes formas, a imensidão. Para entendermos melhor como essas imagens se fizeram eficazes para a proliferação dos ideais republicanos, forjando um novo ser

social, nada mais elucidativo do que nos remetermos às análises de Burke. Ao definir as categorias do Sublime e do Belo, Burke nos deixa pistas para entendermos a assimilação de *idéias* por meio dos sentimentos, uma vez que as experiências visuais que se forjavam com a nova arquitetura da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX estavam mexendo diretamente com a sensibilidade das pessoas, com suas afetividades e seu modo de ver e agir frente a uma nova realidade social.

O *medo*, de acordo com Burke, é um produto da sensação de finitude frente aos grandes objetos; é um dos principais causadores do *sublime*. O *sublime*, por sua vez, deixa as pessoas incapazes de lutar contra a fonte que lhes causa esse sentimento, acabando, assim, por subjugar-las frente ao objeto que lhes causa o medo. Assim, “na arquitetura, as grandes dimensões parecem ser uma condição necessária para o sublime, pois umas poucas partes, assim como das pequenas, a imaginação não pode alcançar à idéia de sublime”⁸.

Então, o sublime “é tudo que seja de algum modo capaz de incitar as idéias de dor e de perigo, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz”.⁹ Percebemos então que o sublime é tudo aquilo que o homem não pode controlar, sendo este então dominado pela sensação propiciada por aquele.

Quando o homem se depara com as sensações causadoras do sublime (dor, tragédia, privação, escuridão, vastidão, entre outros) ele é remetido a encarar de frente sua finitude frente à natureza, e em última instância, seu terror frente à morte, mal que até nos dias atuais ele não consegue dominar. Com isso percebemos que “o terror é, em todo e qualquer caso, de modo mais evidente ou implícito, o princípio primordial do sublime”¹⁰.

Rio de Janeiro, primeira década do século XX. O prefeito Pereira Passos gasta toda a sua energia para a *reorganização da cidade*, promovendo violentas mudanças no espaço urbano. Sua prioridade: transformar o *centro* da cidade num lugar civilizado de acordo com o parâmetro europeu. No centro da cidade as casas e ruas antigas (sempre amontoadas umas às outras, pobres, velhas, impregnadas de epidemias e lixo, espaço onde a luminosidade não chega¹¹), começam a

⁸ BURKE, Edmund. **Uma Investigação Filosófica Sobre as Origens do Sublime e do Belo**. Trad. Enid Abreu Dobrânszk. São Paulo: Papyrus, 1993, p. 74.

⁹ Idem, p.48.

¹⁰ Ibidem, p. 26.

¹¹ Aqui, podemos nos remeter às análises de Burke, quando ele nos mostra o quanto os espaços escuros nos propicia a sensação de medo e conseqüentemente a repulsa: “Para tornar algo extremamente terrível, a obscuridade parece ser, em geral necessária... Qualquer pessoa poderá perceber isso se refletir o quanto intensamente a noite contribui para o nosso temor em todo caso do perigo”. p.66.

ser destruídas e no lugar erguem-se suntuosas mansões e ruas largas, construindo um novo traçado na cidade, possibilitando, num primeiro momento, um certo desconforto das pessoas frente a esse novo que se impõe.

É ainda interessante perceber que as grandes dimensões contribuem para que as pessoas se percam em meio ao grande vazio da modernidade, deixando-as imune ao novo que se quer consolidado, o ideal de uma nação democrática. E assim percebemos que as grandes dimensões não estavam presentes apenas nos casarões/monumentos, mas no próprio traçado das ruas, provocando sensações variadas por quem nelas passava: “Este Rio é meio estrambótico. Estende-se pra aqui, pra ali; as partes não se unem bem; vivem tão segregadas que por mais que se aumente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente”.¹²

Mas a cidade do Rio de Janeiro não deixa, também, de provocar sensações de beleza, sendo, então, admirada por quem percorre a cidade moderna. “A baía é bela por isso; e o Rio também porque está de acordo com o local em que se assentou”.¹³

A reconstrução da cidade transforma-se em símbolo de poder e modernidade, no qual o centro urbano se configura enquanto espaço de modernidade/luz, apontando, num primeiro momento para a possibilidade de experiências de vida mais igualitárias. Mas o germe do *mal* já estava plantado, e o local representante da escuridão fervilha como a um vulcão, prestes a lançar suas larvas mortais para o mundo. Assim, o subúrbio é criado enquanto espaço da escuridão, que vem contrastar com o brilho do centro da cidade e com os sonhos de igualdade social e econômica, transformando-se num local onde pisam apenas os que realmente são obrigados, pois todos temem ser inundados com sua pobreza, com suas doenças. Mas, num primeiro momento, o clima do otimismo republicano é grande e cega a maioria de seus moradores para a triste realidade que os rodeia.

As imagens que nos saltam das cidades construídas para legitimar o poder republicano trazem consigo o intuito de moldar um novo padrão social, no qual as pessoas que transitavam pelas ruas sentiriam no ar o cheiro da modernidade. Com isso nos parece claro que através da observação das formas arquitetônicas, e mesmo de como as pessoas se portam frente às mudanças das cidades, é possível perceber o fluir de uma nova subjetividade social. Não esquecendo que a

¹² BARRETO (op. cit.), p.36.

¹³ Ibidem, p.37.

cidade é “um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida em suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas”.¹⁴

Em meio às mazelas causadas pela destruição dos antigos valores e a inserção de outros ideais, a remodelação da antiga cidade será a mais excludente, e realizada em função da criação de novas imagens. Para além do esquecimento do passado escravo do Brasil estava a pretensão de se cristalizar conceitos referentes à formação da sociedade republicana, e assim, a monarquia significava o antigo que se destruíra no ar da modernidade e, nesse momento, representava o atraso social, a escuridão da qual o país deveria ser libertado pelas mãos da República.

Assim, a memória da monarquia começa a ser transformada em símbolos mortos, que logo serão enclausurados na memória das pessoas que a vivenciaram. No relato a seguir perceberemos que, com as transformações arquitetônicas ocorridas com a República, os vestígios da monarquia começam a ruir, como nos mostra Gonzaga e Sá, um observador atento às novas formas da cidade:

- Mora também um conde, e creio eu que princesas.
- Mortas?
- Sim, mortos! Vês lá o sinal da morte?
- Não, está sorridente e alegre.
- E este casarão ali?
- Está aqui, está desabando.
- Morto não é? ...¹⁵

Mas o contrário acontece com os novos palacetes e monumentos que são erguidos em homenagem à República, pois o *novo* a cada dia ganha mais vigor, ditando sentido para os sentimentos dos *cidadãos* frente à República:

Vamos às casas e aos bairros, um observador perspicaz não precisa ler, ao alto, entre os ornamentos de estuque, para saber quando uma delas foi edificada. Esse casarão que contemplamos a custo na rua da Alfândega ou General Câmara é dos primeiros anos da nossa vida independente. Vede-lhe a segurança ostensiva, como que quer parecer “mais seguro que uma catedral gótica; a força demasiada das pedras, a espessura das portas... Quem a fez saía das lutas da independência, do primeiro Reinado e vinha seguro de possuir uma terra para viver a vida eterna da descendência”.¹⁶

¹⁴ BRESCIANNI, M. S. M. “História e Historiografia das Cidades, um percurso”. **Historiografia brasileira em perspectiva**. Marcos Cezar de Freitas (org.). São Paulo: Contexto, 1998, p.273.

¹⁵ BARRETO, Lima. (op. cit.), p.24.

¹⁶Idem, p.38.

Assim, as imagens que refletem a força do regime republicano são impressas nas grandes construções, deixando todos que diante delas passavam, extasiados com sua opulência e riqueza. Acreditamos que as formas arquitetônicas acima descritas contribuíram para a criação de um imaginário coletivo em que todos os cidadãos se curvassem perante a natureza do *sublime* transformada/construída pelo homem e introjetassem dentro de si o ideal de república sonhado pelos políticos da época.

Paralelo às construções das cidades é perceptível a formação de imagens que possuíam como objetivo uma maior difusão do ideal republicano em contraste com o crescente desânimo frente às políticas adotadas pelo Estado, o que leva o narrador/autor a reivindicar projetos para uma sociedade mais justa.

O romance mostra que o processo de instauração do regime republicano foi um movimento que pouco contou com a participação da população em geral, talvez por isso a propagação do ideal republicano fosse tão importante e demandasse a formação de toda uma nova rede de significações:

- “Seu” Gonzaga, hoje não se trabalha; o Deodoro, de manhã, proclamou a República do Campo de Sant’Ana:

- Mas qual? _ perguntou.

As suas reminiscências de história não lhe davam de pronto a idéia nítida do que fosse República. Sabia de tantas e tão diferentes, que sua pergunta não foi afetada.¹⁷

No entanto, perceberemos no decorrer do livro a representação de um Brasil injusto para com os seus cidadãos menos favorecidos economicamente, para com as mulheres e negros, pois naquele tempo *ninguém queria ser negro no Brasil*.¹⁸

Paralelo a essa situação cria-se uma nova simbologia de culto aos nomes dos grandes políticos brasileiros, dos então considerados *políticos que faziam a história do Brasil*:

- Já viste os novos selos? Não te falei ontem dos emblemas? Viste?

Alguns.

- É bom ver. Tenho aqui de dez réis, vinte, cinqüenta, em duzentos e quatrocentos.

- O senhor faz coleção?

- Não. Amo os homens ilustres e os selos trazem as esfíges de alguns deles. Temos aqui: Aristides Lobo, Beijamim Constant, Pedro Alvares Cabral, Wandenkolk, Deodoro e Prudente.(...) Pena é que, ao lado não tragam dados biográficos, para que os pósteros

¹⁷Ibidem, p.27.

¹⁸ Ibidem,p.32.

saibam quem foram; e boas sentenças morais, para a edificação dos contemporâneos e dos pósteros.¹⁹

Mas ao mesmo tempo em que os *políticos* se transformam em símbolos nacionais, esses mesmos políticos acabam por construir uma nação para seus pares, obrigando o narrador/autor a reivindicar por projetos políticos mais eficazes, pedindo por um processo de transformação/revolução nas estruturas políticas e sociais do Brasil:

Quis ali, em segundos, organizar a minha República, erguer a minha Utopia, e, por instantes, vi resplandecer sobre a terra dias de Bem, de Satisfação e Contentamento. Vi todas as faces humanas sem angústias, felizes, num baile! Tão depressa me veio tal sonho, tão depressa ele se desfez. (...)Tive um louco desejo de acabar com tudo; queria aquelas casas abaixo, aqueles jardins e aqueles veículos; queria a terra sem homem, sem a humanidade, já que eu não era feliz e sentia que ninguém o era ... Nada! Nada!²⁰

Interessante é perceber que essas reflexões foram elaboradas no dia do feriado nacional, dia em que se comemorava a *instauração da democracia republicana* no Brasil, sendo as festividades as mais glamurosas possíveis, demonstrando à multidão a grandiosidade da sua *pátria*. O narrador/autor nos mostra o seu total desalento com as leis que foram formuladas por poucos políticos, para reger a vida de muitos, nos alertando para a hipocrisia em que reinava a política brasileira.

(...) Apesar de enfrontado na legislação, não tinha idéia das suas origens e dos seus fins, não a ligava à vida total da sociedade. Era uma coisa à parte; e a comunhão humana, um imenso rebanho, cujos pastores se davam ao luxo de marcar, por escrito, o modo de aguilhoar as suas ovelhas. Para o doutor Xisto Beldroegas, a lei era ofensiva, inimiga da parte. Ninguém tinha direito na presença dela; e todo pedido deveria ser indeferido, não logo, mas depois de mil vezes informado por vinte e tantas repartições, para que a máquina governamental mais completamente esmagasse o atrevido.²¹

Percebemos no romance que a problemática maior que toma conta do Brasil após as primeiras décadas de instauração da República, é o desalento da grande maioria da população frente à realidade cruel, que em nada se parece com realidade proposta pela elite, pois esta sonhava com um país *moderno*, esquecidos que estavam das atrocidades do cativo e da grande herança de desigualdade social e preconceito forjada no contexto da colonização do Brasil.

¹⁹ Ibidem, p.31.

²⁰ Ibidem, p.85.

²¹ Ibidem, p.87.

É perceptível a formação de políticos por meio de conchavos pessoais, nunca tendo em mente o interesse da maioria, mas sim formando uma sociedade, a cada dia que passava, mais injusta, desmanchando os sonhos republicanos, mas nem por isso deixando de criar um novo imaginário social, em que novas imagens tentam forjar um tipo de cidadão ideal, deslocado da idéia de preconceito racial e crise econômica.

O limite da realidade e da ficção na construção da escrita da história se mostra muito tênue, uma vez que a ficção vai se fazendo em meio às pistas implícitas nas imagens de cada época, nos seus escritos (sejam eles romances ou documentos ditos oficiais), deixando vir à tona o emergir de uma nova visão histórica. A obra literária aqui analisada nos remeteu a um passado de conflitos de interesses e sonhos emergentes no momento de sua produção. Assim, seu valor histórico consiste no fato de que a produção literária é uma representação do momento histórico no qual foi elaborado, incorporando para si o embate cotidiano e o nascer das novas subjetividades daí advindas.

Por sua vez, as imagens do romance funcionam como captadores de toda uma dimensão utópica da sociedade, podendo ser apresentada ao público como elemento modificador de conduta e concepção de vida. Assim, a obra literária é a intermediação entre o real e as aspirações coletivas (refletidas na posição do autor e sua relação com o coletivo que o rodeia) não se esquecendo que as indagações e insatisfações do autor são fruto do seu tempo, sujeito, em primeira instância, à ação do coletivo que o rodeia.

O romance aqui analisado possui características peculiares à sua forma narrativa, mas os elementos de ficção nele presentes não o invalidaram enquanto objeto de análise para a pesquisa histórica. Lima Barreto, em sua fase já amadurecida *representou* um Brasil pouco democrático. A imposição de um imaginário de viver moderno deixou transparecer o tênue limite entre as sensações do *belo* (o prazer causado pelo sonho de uma sociedade democrática) e do *sublime* (as grandes construções/símbolos que impunham uma realidade não vivida, por meio de uma dominação visual/ideológica).

Enfim, a literatura de Lima Barreto representou a sociedade brasileira do início do século XX aproximando duas situações distintas - a crise dos valores da sociedade moderna/republicana e a preocupação com o resgate dos antigos modelos sociais. As situações se encontram na narrativa literária como forma de materializar o mundo dos sonhos. Apresentando, assim, a expectativa de determinados sujeitos sociais em construir uma vida melhor para todos

mobilizando as esperanças dos *sujeitos sonhadores* em busca de um projeto social que consiga satisfazer todas as necessidades/desejos dos brasileiros.

Referências:

ARAÚJO, Joana Luiza Muylaert. “Ficção e memória em Lima Barreto”. **Letras & Letras**. Vol.13, nº 01, jan/fev, 1997, pp.69-73.

BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo:Ática,1989.

BURKE, Edmund. **Uma Investigação Filosófica Sobre a Origem do Sublime e o Belo**. Campinas: Papirus/EDUCAMP, 1993.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 5ª ed., São Paulo: Nacional, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e República que não foi**. São Paulo: Scharz, 1987

CERTEAU, Michel (org.). **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.94.

NAXARA, Márcia Regina. **Sobre o Campo e a Cidade: olhar, sensibilidade, imaginário (em busca de um sentido explicativo no século XIX)**. Tese de doutorado em História, Campinas: UNICAMP/SP, 1999.

SALLES, Iraci Galvão. **República: a civilização dos excluídos. (Representações do Trabalhador Nacional. 1820 –1919)**. Tese de doutoramento em História, São Paulo: FFLCH/USP, 1995.